

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

A propósito de criatividade contabilística

Há dias o Governo português propôs majorar em 10% o subsídio a atribuir às empresas e municípios relativamente ao investimento que seja efetuado em 2016



José António Moreira

Uma das estratégias de “criatividade contabilística” que as entidades empresariais têm ao dispor para, dentro da legalidade contabilística, poderem afetar positivamente o resultado do período é a “antecipação de vendas”. Com base em descontos, ou condições de pagamento mais alargado, campanhas agressivas em final de ano tendem a antecipar o futuro, trazendo para o mês de dezembro vendas que, sem essas medidas, tenderiam a acontecer no novo ano.

Dois efeitos principais: o resultado do ano cresce, por via desse aumento de vendas; o resultado do ano seguinte é afetado negativamente, porque as vendas que foram antecipadas deixam de para ele contribuir. Ou seja, no ano da manipulação mostra-se uma imagem (artificialmente) melhor do desempenho da entidade; no ano seguinte, salvo qualquer outro impacto que afete positivamente o resultado, o desempenho será, efetivamente, pior.

Há dias o Governo português propôs majorar em 10% o subsídio a atribuir às empresas e municípios relativamente ao investimento que seja efetuado em 2016. O objetivo é antecipar para o ano corrente os efeitos económicos do investimento programado para o(s) ano(s) seguintes. A medida tem subjacente o mesmo tipo de manipulação acima referida: a antecipação para o presente de efeitos que de outro modo

ocorreriam no futuro.

Pode argumentar-se que a medida é passível de criar efeitos económicos multiplicativos que conduzirão a mais investimento no futuro próximo. É possível, mas pouco provável, dado que os planos de investimento das empresas (e municípios) são pensados, supostamente, numa perspetiva de médio e longo prazo. O mais provável é levar a uma mera antecipação do investimento, a exemplo do que aconteceu quando o anterior executivo, em 2013, viacrédito fiscal extraordinário, procurou antecipar investimento para o segundo semestre desse ano.

O efeito corrente das antecipações passadas é, porventura, um dos problemas principais com que a Economia Portuguesa actualmente se debate. De há muitos anos a esta parte que se tem sistematicamente procurado “puxar” para o presente o que devia ser atividade económica futura. A prova mais visível deste tipo de atuação é o elevado endividamento do Estado, das famílias e das empresas.

Criou-se um ciclo vicioso. Antecipa-se hoje, procurando tapar os “buracos” (ao nível da atividade económica) que resultam do consumo/investimento antecipado no passado; daí resultam novas e acrescidas necessidades de antecipação em períodos futuros.

Esta estratégia tem limites, sendo impossível viverem permanência o futuro no presente. Tem de ser outra a política de fomento do crescimento económico, uma em que a criatividade dos agentes económicos substitua todo o tipo de “criatividade contabilística”.

